

As casas de Eduardo Longo

Cadernos de
Pós-Graduação
em Arquitetura
e Urbanismo

Edite Galote Rodrigues Carranza

*Aluna do Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em
Arquitetura e Urbanismo da Universidade Presbiteriana Mackenzie*

Gilda Collet Bruna

*Professora do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da
Universidade Presbiteriana Mackenzie*

RESUMO

Marcado pela busca por caminhos inovadores dentro da expressão arquitetônica, Eduardo Longo é visto com uma vasta produção residencial. Retrata, em seus projetos, a ousadia de romper com certos paradigmas do Movimento Moderno. Na “Casa do Mar Casado” e em seus projetos residenciais durante a fase de juventude, Longo evidencia traços característicos de liberdade nos espaços internos e de organicidade dos ambientes. A postura radical aparece depois do contato do arquiteto com as idéias semeadas na fase da contracultura, sob influência do movimento pós-moderno e do hipersensualismo. Na fase áurea de suas produções caracterizada pela experiência de criação do “apartamento bola” e seus protótipos, o arquiteto paulista estima por projetos que possam atingir um público maior. Na maturidade, retoma suas atividades produzindo casas de maior contato visual com o meio externo e urbano. Preocupações com o usuário e valorização da privacidade; plástica singular e soluções espaciais criativas. Estas são peculiaridades das obras de Eduardo Longo que exprimem relevância ao estudo aprofundado de seu trabalho como arquiteto.

Palavras-chave: Arquitetura residencial paulista. Arquitetura moderna.



MACKENZIE

47

1 INTRODUÇÃO

Eduardo Longo, formado pela Faculdade de Arquitetura Mackenzie, em 1966, estudou em um período marcado pela difusão das idéias do Movimento Moderno pela formação da denominada “Escola Brutalista Paulista”, ou “Escola Paulista” baseada em conceitos do racionalismo e do funcionalismo na arquitetura, e pelo engajamento político de alguns arquitetos.

A arquitetura de Longo, porém, não pertence à Escola Paulista. Ela é caracterizada pela busca de novos caminhos de expressão arquitetônica, baseada no rompimento de alguns dos paradigmas do Movimento Moderno, como a estrutura independente e a visão serial.

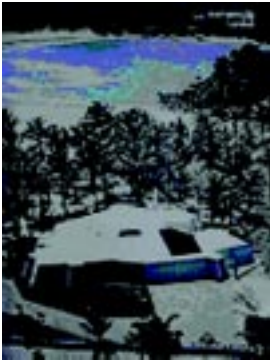
Seu currículo possui 119 projetos, 84 destinados ao uso residencial e destes, 26 são casas unifamiliares construídas. Entre as casas, merece destaque especial, pela solução inovadora, o projeto da Casa Bola, que absorveu anos de dedicação e pesquisa. Longo possui uma obra relevante que deve ser considerada em profundidade.

2 A PRIMEIRA CASA

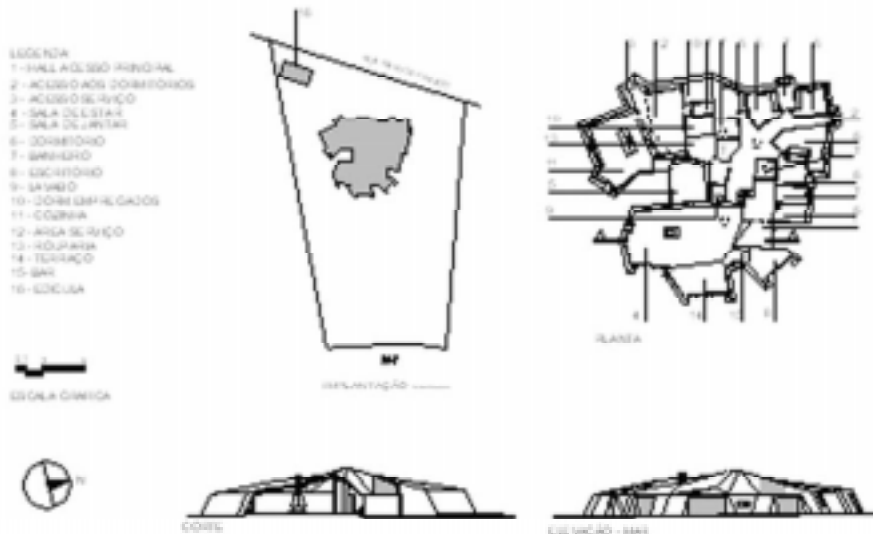
Em 1964, ainda estudante, Longo projetou uma casa para seus tios, no litoral paulista, que ficou conhecida como a “Casa do Mar Casado” (Fotografia 1). O projeto foi desenvolvido na Faculdade e foi criticado, por colegas e professores, pela falta de verdade estrutural, pois a casa não se exprimia, como na “Escola Brutalista Paulista” através da evidência plástica do sistema estrutural. Mais tarde, o projeto foi reconhecido como relevante a partir da crítica positiva do Pietro Maria Bardi (1967, p. 24), que o destacou como uma novidade no cenário arquitetônico nacional. Posteriormente, nos anos 1980, o paleógrafo francês Yves Bruand (1981, p. 270) classificou a casa como um dos exemplos brasileiros de arquitetura inspirada no espírito orgânico, destacando características como: a originalidade, a liberdade absoluta de concepção dos espaços internos, o desenho livre, o resultado da forma exterior como decorrente da disposição dos ambientes internos, a total recusa de qualquer regularidade e simetria.

O programa da Casa do Mar Casado foi distribuído em um único bloco de 620 m², com três setores distintos: social, íntimo e de serviços (Desenho 1). Construída em concreto armado, excetuando-se as paredes divisórias internas que são em alvenaria de tijolos comuns. A cobertura é constituída por planos inclinados de concreto armado com 15cm de espessura, que se interceptam em arestas em níveis variados, apoiando-se nos vedos periféricos.





Fotografia 1 – Casa do Mar Casado, Guarujá (1964), vista aérea.
Fonte: Arquivo Eduardo Longo



Desenho 1 – Casa do Mar Casado, Guarujá (1964).
Fonte: Arquivo Eduardo Longo

3 CASAS DA FASE DE JUVENTUDE: 1966-1972

As casas de Longo, na fase de juventude, são caracterizadas pela total liberdade no agenciamento dos espaços internos. A planta resulta do posicionamento “orgânico” dos ambientes, cujo perímetro é formado por reentrâncias e saliências a partir de ângulos agudos ou obtusos. O aspecto não ortogonal das plantas propicia uma impressão de “confusão”, que desaparece à medida que se observa como os espaços são bem resolvidos. Outra característica é a solução plástica com grande ênfase nas coberturas de concreto armado, fortemente inclinadas e multifacetadas, como “telhados” de concreto armado aparente. Na maioria das casas, o arquiteto utilizou materiais em estado bruto, como concreto para construção do “mobiliário”, pedras brutas tipo “moledo” e madeira.

A expressão plástica das casas denota a postura de questionamento do arquiteto, em relação aos princípios estritos do funcionalismo da arquitetura, em busca de uma renovação formal. Uma postura individual e totalmente desvinculada do contexto da arquitetura paulista e brasileira, segundo os arquitetos Xavier, Lemos e Corona (1983, p. 131):



MACKENZIE

A obra de Eduardo Longo é totalmente desvinculada da produção arquitetônica brasileira, e até mesmo de grupos que pudessem caracterizar uma arquitetura paulista. Liberto de qualquer imposição teórica – talvez, antes de tudo, um intuitivo - soube, com maestria criar espaços [...].

A arquitetura de Longo corresponde à descrição de Montanher (1993, p. 42) para a produção da “terceira geração” de arquitetos modernos, a partir dos anos de 1960:

En primer lugar en la búsqueda de nuevas formas expresivas, insistiendo en el valor escultórico de las formas arquitectónicas, enfatizando lo envolvente del edificio, en especial las cubiertas gran parte de esta arquitectura parte de una nueva premisa: el ángulo recto limita las posibilidades creadoras del arquitecto. La culminación de todo ello serían los grandes conjuntos de edificios basados en diversos volúmenes escultóricos sobre plataformas y el desarrollo de nuevas formas basadas en conchas de hormigón.

En segundo lugar, en relación con la crisis del paradigma de la máquina la tendencia hacia la recuperación de una antigua fuente de inspiración: la arquitectura popular y anónima.

A casa C. Lunardelli (Fotografia 3), projetada em 1968, é um exemplo dos projetos da fase de juventude. Localizada próximo ao mar, a casa apresenta uma série de boas soluções que levaram em consideração as condicionantes específicas do local, tais como: temperaturas elevadas, a brisa marinha e a umidade relativa do ar. O agenciamento dos espaços internos atende ao programa em três setores distintos: social, íntimo e serviços, que determinou a volumetria da casa. A casa de dois pavimentos possui volumetria composta pela justaposição de três troncos de pirâmide e uma torre cilíndrica que abriga a escada e a caixa d’água. Uma laje plana integra os quatro volumes e compõe o vestíbulo de distribuição. Solução plástica singular no contexto da arquitetura moderna, que mais frequentemente utiliza soluções com prismas de base retangular (Desenho 2).

Sua estrutura é de concreto armado com colunas embutidas nas alvenarias, e lajes maciças, com 15 cm de espessura e forte inclinação. As lajes de cobertura não receberam aditivos, foram criteriosamente vibradas, e tratadas apenas com pintura impermeável. No entanto, apresentaram bom desempenho em relação a estanqueidade, não apresentaram infiltrações, corrosão de armadura, eflorescências ou outras patologias do concreto. A massa de concreto da cobertura possui grande inércia, a qual, aliada à forma inclinada, reduz a exposição solar nas diferentes horas do dia, e a pintura na cor branca, reduz seu aquecimento. Nas extremidades superiores das “pirâmides” foram instaladas clarabóias para iluminação e ventilação. A forma da cobertura com afunilamento em direção ao topo, favorece tanto o direcionamento da massa de ar quente, quanto o fluxo luminoso que penetra no ambiente.

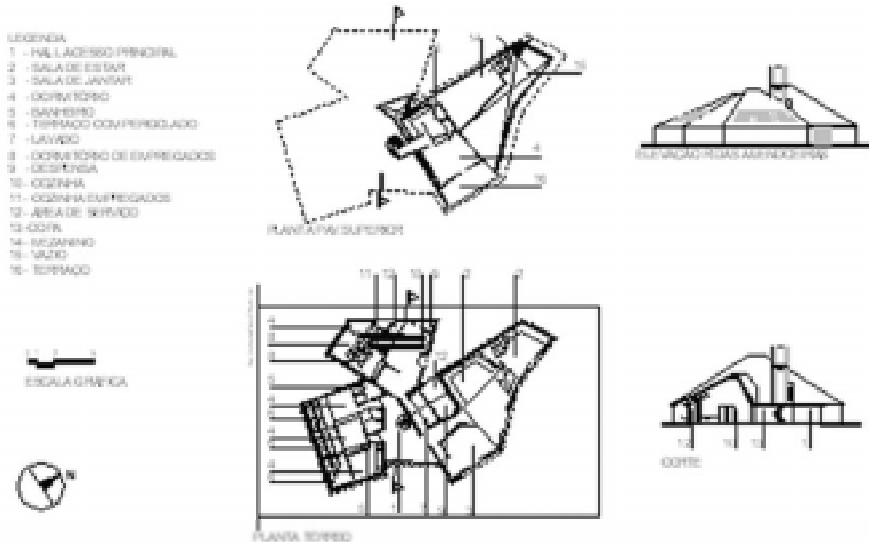
A casa apresenta significativa economia de energia elétrica, uma vez que não são utilizados equipamentos de condicionamento de ar, ventiladores ou iluminação artificial diurna.





Fotografia 3 – Casa C. Lunardelli, fachada lateral, 1968.

Fonte: Arquivo Eduardo Longo



4 CASAS DA FASE CONTRACULTURA: 1972-1973

O movimento denominado Contracultura surge e toma corpo num momento histórico mundial conturbado devido à disputa pela hegemonia mundial entre capitalismo e socialismo, na chamada Guerra Fria. A tônica do movimento de Contracultura ou *underground* foi uma contestação de todos os padrões da sociedade judaico-cristã em vigor, seus tabus culturais e morais, preconceitos, costumes e padrões comportamentais (MACIEL, 1996).

No contexto da arquitetura, a Contracultura lança um novo caminho para analisar o Movimento Moderno, uma vez que o chamado “estilo internacional” entraria em choque com a heterogeneidade cultural e arquitetônica dos vários países¹.

Longo conheceu a Contracultura em 1967, quando, em sua viagem a Paris, conheceu alguns *Drop-out* – soldados norte-americanos desertores da guerra do Vietnã. A partir dos anos 1970, influenciado pelo pensamento contracultural, altera sua filosofia de vida e sua forma de pensar a arquitetura.

A fase contracultura é o ponto de inflexão da carreira do arquiteto. Ele passa a estudar novos sistemas construtivos e a arquitetura internacional. Fica clara a influência dos movimentos de pós-modernismo e hipersensualismo e, da arquitetura *high tech*, no único projeto construído, a galeria *Colleccio*, de 1972.



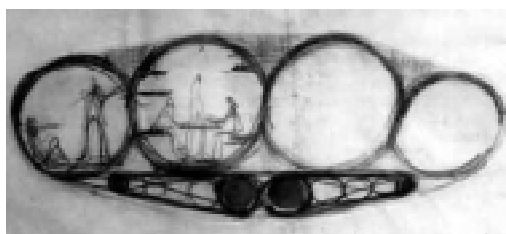
MACKENZIE

Nos projetos residenciais, Longo adota uma postura radical quando recusa encomendas e elabora projetos de reforma de “redução máxima”, cuja tônica consistia em manter livre o pavimento térreo, sob pilotis, e concentrar todo o programa no pavimento superior, visando a redução da área construída. Longo acreditava que, mesmo não sendo solicitado, seus clientes morariam melhor em casas despojadas, menores e mais transparentes. Nenhuma reforma foi executada.

5 CASAS DA FASE ÁUREA: 1973-1982

Longo repensou sua atuação profissional a partir da fase contracultura, e decidiu que deveria projetar habitações para um público maior e não mais os projetos sob medida para alguns.

A fase áurea tem início a partir do desejo do arquiteto em ter uma arquitetura de maior alcance. Ele passa a se dedicar a uma pesquisa para o desenvolvimento de uma unidade habitacional modular e compacta para ser fabricada em série: o “apartamento bola” (Desenho 3). A unidade habitacional seria fixa em mega-estruturas de suporte, com vazios que permitissem a circulação do ar, insolação e o isolamento e com a possibilidade de liberar o solo para áreas de lazer e convívio social.

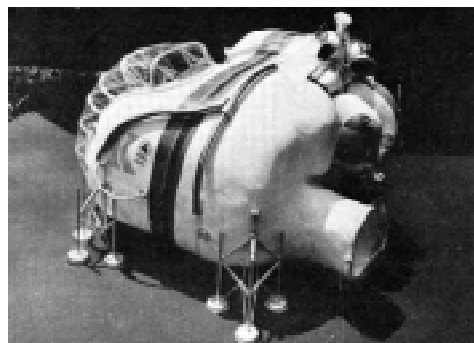


Desenho 3 – Edifício Rua Cel. Jardim, croqui do apartamento-bola.
Fonte: Ricardo Carranza

A pesquisa de Longo tem pontos de contato com as experiências do grupo inglês Archigram (Fotografia 5) e do grupo japonês Metabolista e, principalmente, com o trabalho do norte-americano Richard Buckminster Fuller, autor da casa Dymaxion (Fotografia 4). Fuller criou protótipos de casas a serem produzidas em série, como um automóvel, executados com materiais e componentes industrializados como plástico e metais leves, com baixo custo, de forma a explorar todos os benefícios tecnológicos (BANHAM, 1979).



Fotografia 4 – Dymaxion house, Buckminster Fuller, 1927.
Fonte: Marks (1960).



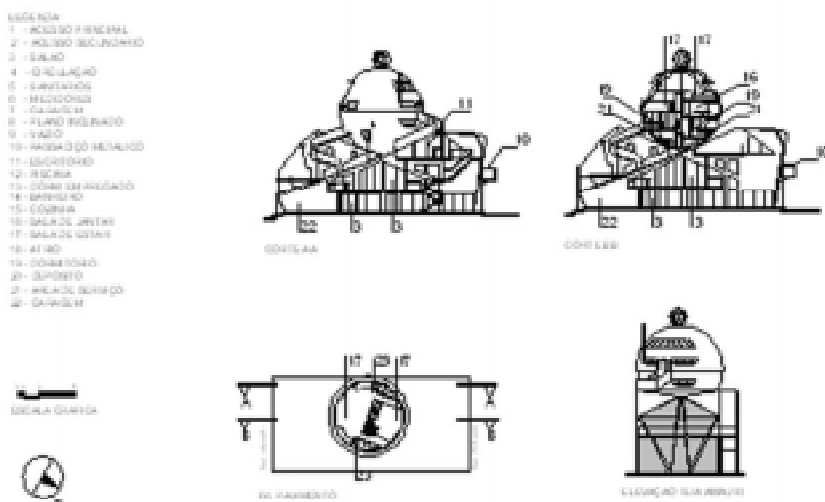
Fotografia 5 – Casa mecanizada, David Greene, membro do grupo Archigram, 1966.
Fonte: Cook (1967).



Dando seqüência a sua pesquisa sobre o agenciamento dos espaços, Longo empreende a construção de uma maquete do “apartamento-bola”, em escala 1:1,25. A maquete seria executada e depois demolida, porém, no decorrer do processo a devido à escolha do sistema construtivo, composto por estrutura metálica e vedação externa em argamassa armada, ela acabou por se transformar na Casa Bola 1, residência do arquiteto e família (Fotografia 6 e Desenho 4).



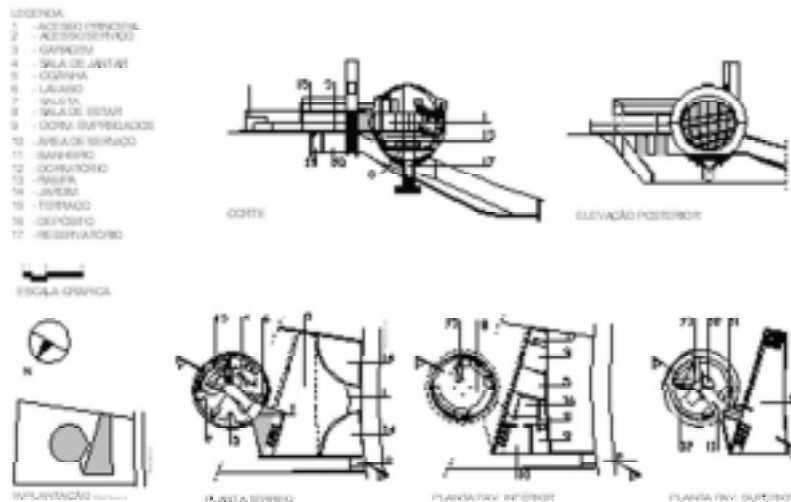
Fotografia 6 – Casa Bola 1.
Fonte: Arquivo Eduardo Longo



Desenho 4 – Casa Bola 1, São Paulo, 1970-1996.
Fonte: Arquivo Eduardo Longo

Em 1982, Longo empreende a construção de um segundo protótipo, a Casa Bola 2 (Fotografia 7), no bairro do Morumbi, em São Paulo. Neste projeto, o arquiteto aperfeiçoou a estrutura metálica e o sistema de formas para a argamassa armada, além de implantar o projeto sobre uma única coluna de concreto armado, de seção circular, diretamente sobre o terreno, o que contribuiu para uma maior expressão plástica (Desenho 5).





Desenho 5 – Casa Bola 2, São Paulo (1982).
Fonte: Arquivo Eduardo Longo



Fotografia 7 – Casa Bola 2, vista posterior, São Paulo (1982).
Fonte: Arquivo Eduardo Longo

Apesar da utilização inusitada da forma esférica para o programa de uma residência, as casas-bola são habitações “convencionais” no que tange ao programa e ao agenciamento dos espaços internos.

A pesquisa de Longo não foi concluída, pois o arquiteto não conseguiu viabilizar a meta da construção de uma mega-estrutura com apartamentos-bola. Mas o trabalho tem seu mérito, tanto pelo estudo da tecnologia da argamassa armada quando pela concepção de espaços residenciais diferenciados.

6 FASE DE MATURIDADE: ÚLTIMA CASA

O cenário da arquitetura brasileira, na década de 1980, tornou-se desfavorável para a construção civil. Com o fim do “Milagre Econômico”, houve uma considerável diminuição dos recursos destinados à construção civil e a conseqüente redução da demanda de projetos públicos e privados. A “década perdida” foi um momento de reflexão e busca de novas linhas de pesquisa projetual segundo o arquiteto Bruno Padovano (1998, p. 14-99).



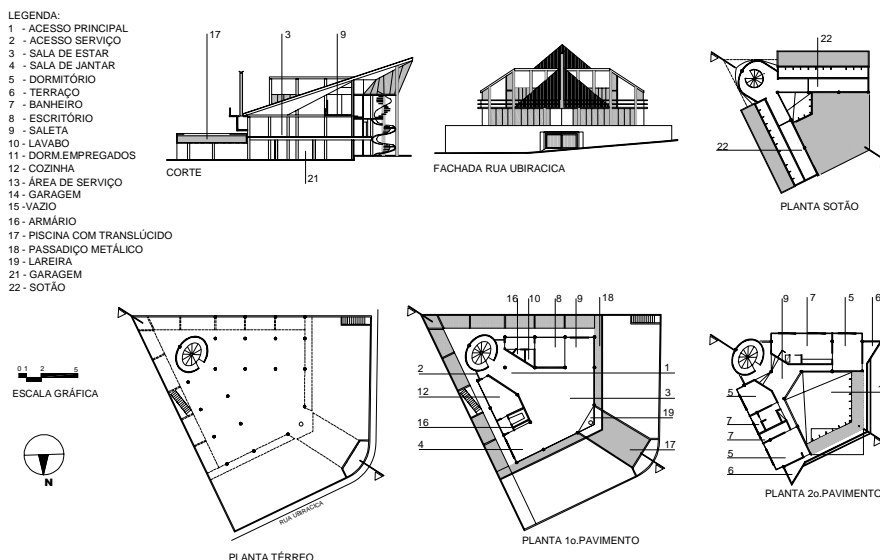
A partir de 1982, Longo entra na fase de maturidade, que marca seu retorno às atividades após o hiato devido à dedicação exclusiva ao projeto apartamento-bola. Seu retorno foi difícil devido à pequena quantidade de encomendas; assim, o arquiteto diversifica as atividades participando de concursos, de equipes para projetos de cunho social, e elaborando projetos teóricos.

As casas da fase de maturidade do arquiteto são mais abertas com contato visual com a rua, ao contrário do que ocorreu nas fases anteriores. Longo passa a adotar pilotis como solução de partido, utiliza o teto-jardim e estrutura independente, racional, modulada e aparente, características que denotam a influência tardia do arquiteto franco-suíço Le Corbusier. Os sistemas construtivos utilizados ora são convencionais como o tradicional telhado de telhas cerâmicas e estrutura de madeira, ora mais complexos, com a utilização de estruturas mistas de concreto e aço e coberturas de cobre e vidro.

A Casa C. Berna (Desenho 6), de 1990, localizada no bairro de Alto de Pinheiros, em São Paulo é considerada o último projeto residencial construído do arquiteto.

Neste projeto, a forma do terreno foi determinante para a definição do partido. O acesso principal e a circulação vertical formam um eixo de simetria que é, também, a bissetriz do terreno. É a partir deste eixo que o programa se desenvolve.

O sistema construtivo desta casa é misto. A estrutura é de concreto armado aparente, modulada, com colunas de seção circular, lajes de concreto armado na maioria dos pisos e, também, fechamentos de piso em estrutura e tela metálica. As vedações são convencionais de alvenaria revestidas com argamassa. Parte da cobertura é de estrutura de madeira, revestida, externamente, com chapa de cobre, e parte de estrutura de madeira e vidro.



Desenho 6 – Casa C. Berna, São Paulo (1990).
Fonte: Arquivo Eduardo Longo



MACKENZIE

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Grande parte da produção arquitetônica de Longo é contemporânea à arquitetura da “Escola Brutalista Paulista”. Mas, apesar de sua arquitetura residencial ter alguns pontos de contato com aquela escola - a busca pela “verdade dos materiais” e o tema da cobertura abrigo - ela não seguiu seu ideário. Os projetos residenciais de Longo não tinham o objetivo de transformar a sociedade a partir da “reeducação moral da burguesia” (FIORI, 2002, p.16), ou mudar as tradições sociais imprimindo uma “moral severa” (BARDI, 1987 p. 351), ou ainda, “mudar a tipologia da casa paulistana” como pretendia seu principal porta-voz, o arquiteto João Batista Vilanova Artigas (1985, p. 23-29).

A arquitetura residencial de Longo possui grande qualidade arquitetônica, porque além da plástica singular e das soluções espaciais criativas, reflete a preocupação do arquiteto com questões relacionadas ao usuário, como privacidade, intimidade, conforto, conveniência e eficiência dos espaços. Essa preocupação pode ser constatada em todos seus projetos residenciais, excetuando-se a sua casa-escritório. O agenciamento dos espaços internos é tradicional, ou seja, com a setorização das funções dos ambientes [social, íntimo e serviços] distinção entre as circulações de serviço e social e ambientes com usos definidos, embasados na tradição [dormitórios, sala de estar, sala de jantar, cozinha etc]. Seus projetos primam pela valorização da privacidade, observável nos ambientes íntimos e de repouso. Não há, por exemplo, continuidade espacial que possa gerar espaços promíscuos, como paredes que não tocam o teto, nos dormitórios, superposição de funções [social, íntimo e serviços] ou integrações inadequadas, ao contrário do que foi observado em alguns projetos residenciais paulistas, daquela época, conforme análise do arquiteto Carlos Lemos (1996, p. 75) e do arquiteto Alberto Xavier¹. Sempre que possível, as áreas de repouso das casas são isoladas dos demais ambientes. O exemplo mais notável dessa postura do arquiteto são os projetos Casa Bola - da fase áurea - que apesar da volumetria inusitada, tem agenciamento de espaços internos tradicional.

Eduardo Longo Houses

ABSTRACT

Recognized as the one, who searches innovative ways in terms of architectonic language, Eduardo Longo is known through a huge residential production. He prints in his designs the challenge of breaking out with some of the modern movement paradigms. In his designs for the house at the “married see” and in all his youth phase residential designs, Long shows off characteristics’ freedom lines in the interior spaces and of organic order in his environments. Later he develops a radical way of designing, after his contacts with the



counterculture ideas, under the influence of the postmodern movement and the hipersensualism. In his golden phase his productions are characterized by his experience creating the “ball apartment” and its prototypes, the architect from São Paulo wishes for designs that can reach a wider public. During his phase of maturity he regains his activities producing houses with a wider visual contact with the exterior urban area. His worries with the user and the with the privacy valorization; he deals with the singular plastic and creative spatial solutions. These are Eduardo Longo masterpiece peculiarities, which enable the study of his work relevance.

Keywords: Residential architecture in São Paulo. Modern architecture.

NOTAS

¹ Vários autores foram responsáveis por esses questionamentos como: Kevin Lynch publica *The image of the city*, em 1960; Giulio Carlo Argan publica *Progetto e destino*, em 1964; Aldo Rossi *L'architettura della città*, em 1966; Robert Venturi publica *Complexity and Contradiction in Architecture*, em 1966; Manfredo Tafuri publica *Teoria e storia dell'architettura* em 1968 e Charles Jenks *Modern Movements in Architecture*, em 1973.

² Depoimento do arquiteto Alberto Xavier em entrevista a Edite GR Carrazza em outubro de 2003.

REFERÊNCIAS

BARDI, Pietro. Uma casa diferente. *Revista Mirante das Artes*, [S.l.], n. 2, p. 24, mar./abr. 1967.

BARDI, BARDI, Lina Bo In: XAVIER, Alberto. Depoimentos de uma geração. São Paulo: Pini: Associação Brasileira de Ensino de Arquitetura: Fundação Vilanova Artigas, 1987.

BANHAM, Reyner. *Teoria e projeto na primeira era da máquina*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

BRUAND, Yves. *Arquitetura contemporânea no Brasil*. São Paulo: Perspectiva, 1981.

COOK, Peter. *Arquitectura, planeamiento y acción*. Buenos Aires: Ediciones Nueva Vision, 1967.

FIORI, Pedro Arantes. *Arquitetura nova: Sérgio Ferro, Flávio Império e Rodrigo Lefevre, de Artigas aos multirões*. São Paulo: Editora 34, 2002.

GUIMARÃES, Berenice. A bola de morar. *Revista Senhor Vogue*, São Paulo, n. 18, p. 85-88, set. 1979.

JENCKS, Charles. *Movimentos modernos em Arquitetura*. São Paulo: Martins Fontes, 1985.

LEMONS, Carlos A. C. *História da casa brasileira*. 1. ed. São Paulo: Contexto, 1996.



MACIEL, Luiz Carlos. *Geração em transe: memórias do tempo do tropicalismo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1996.

MARKS, Robert; FULLER, Richard B. *The dymaxion world of Buckminster Fuller*. New York: Anchor Books, 1960.

MONTANER, Josep Maria. *Después del movimiento moderno arquitectura de la segunda mitad del siglo XX*. Barcelona: Gustavo Gili, 1993.

PADOVANO, Bruno. Arquitetura contemporânea no Brasil: o que aconteceu depois de Brasília? *Revista de Cultura Brasilenã*, Madri, p.14-99, set.1998.

PEDREIRA, Lúcia Alvares. João B. V. Artigas. *Revista Arquitetura e Urbanismo*, São Paulo, n. 1, p. 23-29, 1985.

RYBCZYNSKI, Witold. *Casa: pequena história de uma idéia*. 3. ed. Tradução Betina con Staa. Rio de Janeiro: [s.n.], 2002.

XAVIER, Alberto; LEMOS, Carlos A. C.; CORONA, Eduardo. *Arquitetura moderna paulistana*. São Paulo: Pini, 1983.

